

# O IMPERIALISMO E A ERA DE OURO DO CAPITALISMO

*Ricardo Antônio Soldera<sup>1</sup>*

Doutorando em História Econômica (UNICAMP)

rasoldera@gmail.com

## RESUMO

O período clássico do imperialismo (1875-1914) foi caracterizado pelo militarismo e pela formação das grandes empresas que se confrontaram pela partilha do mundo na busca de novos espaços para acumulação de capital. Estes elementos se apresentaram de uma nova forma histórico na Era de Ouro do capitalismo (1945-1971).

O período foi baseado na corrida armamentista dos EUA e da URSS durante a Guerra Fria, culminando da consolidação de um complexo industrial-militar da ambos os lados; o confronto das grandes empresas por novos espaços de acumulação em uma espécie de segunda partilha do mundo; e na reforma do capitalismo. O imperialismo foi fundamental no crescimento econômico da Era de Ouro e em todas as suas transformações, promovendo a expansão e não o amortecimento deste modo de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imperialismo, Militarismo, Grandes Empresas, Era de Ouro, Complexo industrial-militar

**KEY-WORDS:** Imperialism, Militarism, Big Companies, Golden Age, Industrial-military Complex



## **INTRODUÇÃO**

O capitalismo se transformou em imperialismo na Era dos Impérios (1875-1914). Esta nova fase do capitalismo é caracterizada pela formação das grandes empresas monopólicas, fruto do capital financeiro. As oligarquias financeiras formam associações vinculadas com as grandes potências capitalistas com o objetivo de disputar a partilha do mundo para a exportação de capitais e mercadorias<sup>1</sup>.

Em seu movimento de acumulação, o capitalismo sempre necessitou de novas riquezas naturais, mercados e força de trabalho de regiões do planeta cujas civilizações não são capitalistas. Daí a tendência do capitalismo de se impor como modo de vida universal por todo o planeta, eliminando as demais formas de vida. A violência sempre foi utilizada como recurso para a acumulação no choque entre o capitalismo e as civilizações não regidas por ele. O militarismo se tornou elemento central na fase imperialista do capitalismo. O militarismo foi decisivo para a conquista da África e Ásia, chegando a se transformar em um instrumento de acumulação de capital com capacidade de ampliação indeterminada<sup>2</sup>.

A rivalidade imperialista levou à Era da Catástrofe (1914-1945), marcada por duas Guerras Totais cuja rivalidade entre as potências beligerantes se modelava no crescimento e competição sem limites de suas grandes corporações<sup>3</sup>. Mas afinal, estaria o imperialismo suspenso ao final da Segunda Guerra Mundial? O capitalismo foi amortecido durante a sua Era de Ouro (1945-1971)?

O objetivo deste artigo é demonstrar que o imperialismo, além de permanecer durante a Era de Ouro do capitalismo, foi elemento fundamental das transformações econômicas e sociais do período. A Era de Ouro pode ser explicada por três fatores: o dispêndio dos Estados Unidos e da União Soviética para vencer a corrida armamentista, levando à consolidação de complexo industrial-militar de ambos os lados; a disputa das

---

<sup>1</sup> Para um balanço sobre o imperialismo e um resumo sobre as suas cinco características fundamentais, ver LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Imperialismo: Fase superior do capitalismo**. 4ª edição, São Paulo: Centauro, 2008, p. 90.

<sup>2</sup> LUXEMBURG, Rosa. **A acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo**. Volume II. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 29-33, 89 e 97-8.

<sup>3</sup> Ver HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 37.



grandes empresas por novos espaços de acumulação; e a reforma do capitalismo. Vamos analisar cada um destes aspectos.

### **1. A corrida armamentista e a consolidação do complexo industrial-militar**

Diferentemente do período entre guerras ou durante a Segunda Guerra Mundial, quando o objetivo dos planejadores de Washington era conter o comunismo, o objetivo passou a ser remover a União Soviética do mapa quando começou a Guerra Fria. Os chefes do Estado Maior dos Estados Unidos tinham planejado lançar bombas atômicas sobre as vinte principais cidades da União Soviética apenas dez semanas depois do término da guerra. Embora contassem com superioridade militar, os Estados Unidos não tinham aviões adequados para transportar as suas 12 bombas atômicas existentes até então e nem militares capazes de montá-las até dezembro de 1947. Já a União Soviética não tinha armas nucleares<sup>4</sup>.

Mas os ataques nucleares não foram adiados somente pelo fato do exército vermelho ter ocupado metade da Europa e consolidado posições estratégicas no continente. O fator decisivo residia na limitação do único meio disponível de lançamento das bombas atômicas ser o ar-terra. Mesmo com apoio de caças, os bombardeiros estadunidenses dificilmente conseguiriam romper a defesa antiaérea soviética, impossibilitando qualquer dano significativo para fazer Moscou abdicar das suas posições<sup>5</sup>.

A guerra deixou de ser instrumento de política das superpotências quando a União Soviética adquiriu armas nucleares. Os soviéticos desenvolveram a bomba atômica em 1949, quatro anos depois dos estadunidenses. Também desenvolveram a bomba de hidrogênio, em 1953, nove meses depois dos rivais. A destruição mútua assegurada impediria qualquer um dos lados de dar o primeiro passo pois, dada a capacidade de retaliação, o resultado seria a destruição da civilização<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 230-231; ANDERSON, Perry. *Força e consentimento: aspectos da hegemonia americana. Estudos de sociologia*, Araraquara, v. 15, 2003, p. 8.

<sup>5</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA: fundamentos da hegemonia estadunidense no Pós-Guerra Fria*. In: ACIOLY, Luciana; CARDOSO JR., José Celso; MATIJASCIC, Milko (Orgs.). *Trajatórias Recentes de Desenvolvimento: estudos de experiências internacionais selecionadas* – Volume II. Brasília: IPEA, 2009, p. 59.

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 224 e 227.



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

Além da produção de armas nucleares em quantidade e potência cada vez maiores, a corrida armamentista passou a envolver o aperfeiçoamento e a variação dos meios de lançamento. Para garantir a dissuasão, as duas superpotências desenvolveram ampla capacidade de destruição nos três meios de lançamento: “terra-terra (mísseis balísticos armazenados em silos e plataformas móveis); ar-terra (os bombardeiros e caças-bombardeiros); e mar-terra (navios e submarinos)”. Embora custosa, a variação dos meios de lançamento garantia às superpotências uma fonte adicional de segurança. Caso o inimigo conseguisse deter um ou dois tipos de ataque, a dissuasão seria mantida porque em caso de um ataque nuclear, a outra superpotência ainda poderia responder também de forma devastadora. E, com o tempo, seria possível a superpotência em desvantagem burlar ou emular o sistema defensivo do inimigo<sup>7</sup>.

A dissuasão também era garantida pela dispersão das armas nucleares pelo planeta. Manter o arsenal nuclear concentrado em um mesmo local permitiria à superpotência inimiga deter mais facilmente os armamentos nucleares e realizar um ataque sincronizado capaz de garantir a sua primazia nuclear. Por isso, era necessária a também custosa movimentação de todo arsenal nuclear. A dissuasão e a dispersão das armas nucleares também movimentavam os serviços de inteligência e espionagem dos Estados Unidos e da União Soviética. A corrida armamentista evitava um ataque militar envolvendo armas nucleares devido ao seu devastador poder de destruição. Contudo, ela colocava as duas superpotências em um dilema de segurança. As medidas tomadas por um lado para aumentar o seu poder de ataque, defesa ou retaliação eram percebidas pelo inimigo como provocação ou ameaça. Esse clima colocou as duas superpotências em uma espiral crescente de gastos militares e desafios cada vez maiores na transposição de limites tecnológicos<sup>8</sup>.

Para garantir a dissuasão nuclear, os Estados Unidos reformularam profundamente a marinha e a aeronáutica na década de 1950. Contudo, o poderio nuclear foi complementado por armamentos convencionais, que continuavam a ser decisivos. Neste sentido, as Forças Armadas estadunidenses foram modeladas de forma a deter exércitos associados a uma sólida base industrial, como a Alemanha e o Japão da Segunda Guerra Mundial, e exércitos capazes de manipular armas nucleares, como a União

---

<sup>7</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 58-9.

<sup>8</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 59-60.



## O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera

Soviética<sup>9</sup>. Para garantir o cumprimento destes objetivos, Washington tomou as seguintes medidas:

(...) além de consolidar bases militares independentes ou vinculadas à OTAN nos pontos estratégicos da Eurásia, foi necessário construir um sistema de satélites capaz de cumprir duas funções básicas i) garantir uma rede de comunicação instantânea em escala planetária, capaz de coordenar as forças armadas em qualquer teatro de operações, ii) vigiar as tropas e as bases militares de *todos* os principais rivais, com vistas a evitar um ataque surpresa capaz de neutralizar o poder de contragolpe por parte dos EUA. Esse sistema de vigilância operava em sincronia com meios de lançamentos variados (mar, terra e ar), que envolviam mísseis balísticos intercontinentais e, posteriormente, mísseis cruzeiro. Outra peça decisiva – e intensamente utilizada pelos EUA – são os porta-aviões, que possibilitam o apoio aéreo a operações em terra ou próximas à costa em zonas onde os EUA não possuem aliados ou bases próprias.<sup>10</sup>

Neste contexto, o militarismo desempenhou papel central no crescimento econômico da Era de Ouro do capitalismo. As políticas econômicas deliberadamente orquestradas pelos governos dos países centrais ou comunistas não foi o fator principal que desencadeou o crescimento. Na verdade, a

expansão do capitalismo derivou do *novo padrão* de dispêndio, produção e organização militar que marcou a Guerra Fria: uma corrida armamentista virtualmente incessante, que impulsionou a pesquisa em novas tecnologias e favoreceu a criação de novas formas de articulação entre a Universidade, as Empresas Privadas e os Laboratórios e centros de pesquisas militares, gerando um estímulo adicional – e cada vez imperativo – à inovação”.<sup>11</sup>

Sob o discurso apocalíptico da Guerra Fria, os Estados Unidos e a União Soviética viram-se comprometidos com uma insana corrida armamentista virtualmente infinita, pois cada medida para garantir a capacidade de retaliação era percebida pelo adversário como um movimento potencialmente ofensivo que, portanto, tinha de ser

---

<sup>9</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social: a luta social em um período de transição*. In: VIEIRA, Rosângela de Lima. **O Brasil, a China e os EUA na atual conjuntura da economia-mundo capitalista**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 117.

<sup>10</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social... op. cit.*, p. 117.

<sup>11</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. **Violência, capitalismo e mercadorização da vida**. Texto para discussão 240. Campinas: IE/Unicamp, Junho 2014, p. 10.



## O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera

equilibrado. As próprias profissões dos generais e intelectuais dedicados a pensar a guerra nuclear exigiam a não percepção de tamanha insanidade. A crescente concentração de homens e recursos para viver em função da preparação para a guerra foi chamada pelo presidente Dwight Eisenhower de “complexo industrial-militar”. A produção de armamentos nos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial e mesmo em tempos de paz alcançou um nível extraordinário, sem qualquer precedente na história moderna<sup>12</sup>.

Nos Estados Unidos, o objetivo do complexo industrial-militar era desenvolver tecnologia de ponta para vencer a União Soviética na Guerra Fria e garantir a superioridade tecnológica estadunidense no mundo. Para tanto, Washington criou uma rede descentralizada e coordenada de instituições de pesquisa e comunidades tecnológicas para expandir a fronteira científica e acelerar o desenvolvimento tecnológico. Portanto, embora sob grande influência das Forças Armadas, a pesquisa científica do complexo industrial-militar não ficou restringida aos recursos militares destinados à pesquisa e desenvolvimento e à encomenda de armamentos<sup>13</sup>. Alguns resultados eram nítidos já na Era de Ouro do capitalismo. O complexo militar industrial criou

(...) as inovações básicas em todas as novas indústrias baseadas na ciência (aeroespacial, computadores, equipamentos de telecomunicação) e manteve a liderança em muitas indústrias baseadas em fornecedores especializados (tais como máquinas de controle numérico e outros bens de capital) indústrias que, ao lado da farmacêutica, dos serviços de empresas e dos bancos, formam os principais setores da alta tecnologia.<sup>14</sup>

O complexo industrial-militar estadunidense tinha uma singularidade que o distinguia de qualquer programa científico dos outros países. A sua estrutura permitiu repassar as tecnologias de origem militar para o uso civil, garantindo a difusão dos novos padrões para muitas empresas emergentes:

Devido ao papel protagonista dos laboratórios acadêmicos, a rede descentralizada de pesquisadores e a motivação dos principais formuladores de política tecnológica, a difusão comercial da tecnologia militar se deu através de firmas emergentes. Instituições como a

---

<sup>12</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 233; HOBBSAWM, HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 156.

<sup>13</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano no Pós-Guerra como um Empreendimento Militar*. In: FIORI, José Luís (Org.). *O Poder Americano*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 2007, p. 225-6. Ver também MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 64, nota 14.

<sup>14</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano... op. cit.*, p. 240.



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

DARPA ou a NASA, por exemplo, assumiram aqui a função de *venture capitalist*. Cientistas e engenheiros usaram seus conhecimentos acumulados nos laboratórios públicos para criar novas empresas explorando as novas tecnologias. O Laboratório Eletrônico Lincoln do MIT (...) viabilizou a criação de dezenas de novas companhias de alta tecnologia que se beneficiaram dos contratos e do conhecimento prévio dos engenheiros do laboratório. (...) os estudantes que criaram novas tecnologias no Vale do Silício foram majoritariamente treinados em Stanford, e foram criados e apoiados por contratos militares.<sup>15</sup>

Além deste processo de aprendizagem, a transferência direta das tecnologias para as grandes empresas se tornou principal forma de difusão das novas tecnologias de ponta de origem militar para uso civil. Nas palavras de Medeiros:

Tecnologias de fronteira com memória magnética e circuitos eletrônicos foram diretamente passadas do Lincoln para a IBM. A influência do projeto SAGE na construção de sistemas de reservas na aviação civil é outro exemplo importante. Histórias semelhantes repetem-se na AT&T em sistemas de comunicação de informações e em muitas grandes empresas em setores baseados em ciência.<sup>16</sup>

Os complexos industrial-militar das duas superpotências eram estimulados pelos seus respectivos governos a trabalhar com a sua capacidade máxima. Os dois lados agiram como se uma guerra estivesse para começar durante os quarenta anos da Guerra Fria. Com o excedente da produção, os governos das duas superpotências atraíam e armavam aliados e clientes e lucravam com exportações de armamentos. Enquanto isso, ambos dos governos guardavam para si os armamentos mais modernos e mantinham o monopólio das armas nucleares<sup>17</sup>.

Os Estados Unidos insistiam que a aliança militar anti-soviética deveria estar permanentemente vinculada à Washington devido à dependência tecnológica e militar da Europa Ocidental. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos eram sistematicamente contra o desenvolvimento uma indústria militar independente por parte dos países europeus. A França se recusava a aceitar uma aliança duradoura com os Estados Unidos, um dos motivos de tensões entre os dois governos. Os franceses desenvolveram uma indústria militar de alta tecnologia independente, conseguindo o seu próprio arsenal nuclear na década de 1960. A Grã-Bretanha conseguiu as suas próprias bombas atômicas dos

---

<sup>15</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano... op. cit.*, p. 240-1.

<sup>16</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano... op. cit.*, p. 241.

<sup>17</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 233; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 156.



## O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera

Estados Unidos, curiosamente com o objetivo de diminuir a sua dependência da superpotência hegemônica. A China montou um arsenal nuclear independente na década de 1960. Israel, Áfricas do Sul e a Índia conseguiram construir armas nucleares nas décadas seguintes<sup>18</sup>.

Nos Estados Unidos, onde o dispêndio do setor público era quase inexistente antes da Primeira Guerra Mundial, os gastos governamentais chegaram a um quarto do Produto Nacional Bruto na década de 1960. Cerca de metade deste dispêndio representava gastos militares<sup>19</sup>. Mas o dispêndio militar não comprometeu a economia estadunidense. Ao contrário, o orçamento de defesa foi um dos meios utilizados por Washington para reabilitar e, quando necessário, exercer controle sobre as empresas estadunidenses desde o início da Guerra Fria<sup>20</sup>.

A definição das doutrinas militares e a alocação dos seus gastos são importantes formas de controle do governo dos Estados Unidos sobre a sua economia nacional. Elas são causa e consequência de divisões políticas em torno da política de segurança nacional e respondem por anseios da sociedade estadunidense. O governo Truman teve preferência por armamentos tradicionais para fornecer material bélico e selar pactos militares com a Europa Ocidental e com o Japão e para lutar na Guerra da Coréia. Essa política beneficiou as empresas do Nordeste. O governo Eisenhower optou por uma estratégia menos dispendiosa, enfatizando forças estratégicas e armas nucleares. Essa política tendeu a beneficiar as empresas do Oeste e do Sul<sup>21</sup>.

O espantoso crescimento econômico da Era de Ouro do capitalismo foi baseado, em grande medida, na mais avançada pesquisa científica oriunda do complexo industrial-militar, cuja aplicação na indústria e na agricultura se concretizou em poucos anos. As demandas de alta tecnologia da indústria militar prepararam o desenvolvimento de vários produtos revolucionários posteriormente utilizados por civis. Produtos como a energia nuclear, os primeiros computadores digitais, transistores, circuitos integrados, internet, fibra óptica e os lasers são invenções da indústria militar. Tecnologias de guerra como o radar e o motor a jato prepararam terreno para a indústria de eletroeletrônicos e para as tecnologias de informação. Além disso, as demandas da economia de guerra

---

<sup>18</sup> HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo...* op. cit., p. 157; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 233.

<sup>19</sup> DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. 9ª edição, Rio de Janeiro: LTC, 2012, p. 387.

<sup>20</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA...* op. cit., p. 57-8.

<sup>21</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA...* op. cit., p. 58, nota 5.



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

impulsionaram o aperfeiçoamento científico da automação, ou seja, o uso de controles mecânicos e eletrônicos nos processos industriais. Embora estivesse em fase inicial, a automação industrial promoveu ganhos de produtividade, impulsionando o crescimento econômico<sup>22</sup>.

A arquitetura do complexo industrial-militar-acadêmico se mostrou um recurso decisivo dos Estados Unidos para suportar a corrida armamentista contra a União Soviética. O dispêndio dos Estados Unidos com a indústria militar foi amortizado através do repasse das tecnologias desenvolvidas pelos militares para as indústrias voltadas para o uso civil. A inflexibilidade da política e da economia da União Soviética não permitia qualquer tipo de arranjo parecido. Como os soviéticos não tinham como amortizar seu dispêndio com a indústria militar, a corrida armamentista foi se tornando um peso cada vez maior. O desenvolvimento da ciência articula à pesquisa e desenvolvimento da indústria militar se constituiu em um dos alicerces da terceira revolução industrial.

### **2. O confronto das grandes empresas por uma nova partilha do mundo**

O mundo entrou em um confronto global entre capitalismo e socialismo após a Segunda Guerra Mundial. A União Soviética e os países socialistas tinham uma economia bem-sucedida e eram dotados de padrões equivalentes em tecnologia, organização burocrática, produtividade e expansão. Neste contexto, os Estados Unidos, os países da Europa Ocidental e o Japão foram compelidos a uma defesa agressiva do capitalismo<sup>23</sup>. Florestan Fernandes resume o quadro da seguinte forma:

(...) enquanto o antigo imperialismo constituía uma manifestação de concorrência nacional entre economias capitalistas avançadas, o

---

<sup>22</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 259 e 260; DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo...* op. cit., p. 390; MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano...* op. cit., p. 225. Ver também COUTINHO, Luciano & BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado e a Reorganização da Economia Mundial no Pós-Guerra*. In: BELLUZZO, Luiz Gonzaga & COUTINHO, Renata. *Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Ensaio sobre a crise – Volume I*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 18-9.

<sup>23</sup> FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. 4ª edição revista. São Paulo: Global, 2009, p. 29-30; FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5ª edição, São Paulo: Globo, 2005, p. 408.



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

imperialismo moderno representa uma luta violenta pela sobrevivência e pela supremacia do capitalismo em si mesmo.<sup>24</sup>

A disputa das grandes empresas imperialistas por novos espaços de acumulação é iniciada com a penetração em massa das empresas estadunidenses na Europa Ocidental a partir da primeira metade da década de 1950. Os Estados Unidos renegociaram a continuidade do Plano Marshall com os governos da Europa Ocidental, obtendo “como contrapartida a penetração da corporação americana, sobretudo, do setor de bens de consumo na Europa Ocidental, atrelando-se aos setores de bens de capital europeus, principalmente alemães”<sup>25</sup>. Apesar das tensões e rupturas, as burguesias da Alemanha Ocidental, França, Japão e até mesmo da Grã-Bretanha receberam as grandes corporações e os grandes bancos estadunidenses. Era um preço razoável a se pagar para a defesa e o fortalecimento do capitalismo e os interesses privados<sup>26</sup>.

A forma da atuação das suas grandes empresas constitui umas das particularidades da hegemonia estadunidense. Não foi o comércio, mas o investimento direto estrangeiro um dos aspectos centrais na ajuda para a reconstrução da economia da Europa Ocidental devastada pela Segunda Guerra Mundial. As grandes empresas estadunidenses mostraram uma tendência a internalizar e administrar uma parcela expressiva e crescente do comércio internacional através das transações intrafirmas. Isto, na prática, transferiu o controle de setores substanciais das economias de outros países para cidadãos estadunidenses<sup>27</sup>.

A expansão das empresas estadunidenses foi ao mesmo tempo um meio e um efeito na consolidação do poder mundial dos Estados Unidos. Conjuntamente à posição do dólar como moeda mundial e com a supremacia nuclear, a empresa multinacional se tornou uma das pedras angulares da hegemonia estadunidense. Esses três fundamentos do poder estadunidense interagiam e se reforçavam mutuamente. Após a Segunda Guerra Mundial, a supremacia político-militar dos Estados Unidos foi condição para o predomínio das empresas estadunidenses na economia mundial. Ao mesmo tempo, a

---

<sup>24</sup> FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente... op. cit.*, p. 30.

<sup>25</sup> CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista: o capital internacional no desenvolvimento capitalista brasileiro (1951-1992)*. Tese (doutorado). Campinas: IE/Unicamp, 2009, p. 12.

<sup>26</sup> FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente... op. cit.*, p. 30.

<sup>27</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 73; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista... op. cit.*, p. 11.



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

expansão das empresas estadunidenses se tornou um sustentáculo da posição política e militar dos Estados Unidos no mundo<sup>28</sup>.

Os países periféricos se tornaram um vasto campo de batalha no confronto entre capitalismo e socialismo. Onde não existiam revoluções socialistas vitoriosas, como na Iugoslávia, China e Cuba, havia a ascensão de fortes movimentos socialistas. O controle da periferia passou a ser vital para o capitalismo. Com o desenvolvimento urbano e tecnológico dos países centrais, o equilíbrio e crescimento das suas economias tornavam cada vez mais necessárias as matérias primas dos países periféricos. As “fronteiras naturais” do capitalismo monopolista estavam se deslocando e era necessário incorporar os países periféricos à sua estrutura de funcionamento. Ao mesmo tempo, os países periféricos passavam por transformações estruturais, tornando-se mercados atrativos e áreas de investimentos promissores. Neste sentido, as grandes empresas “passaram a competir fortemente entre si pelo controle da expansão induzida destas economias, gerando o que se poderia descrever, com propriedade, como a segunda partilha do mundo”.<sup>29</sup>

Ao mesmo tempo grandes empresas européias formaram alianças para enfrentar o grande capital estadunidense. Com o objetivo de solidificar as suas posições dentro da Europa Ocidental, algumas grandes empresas européias, especialmente dos países formadores do Mercado Comum Europeu, consolidaram associações e fusões, inclusive entre empresas de diferentes nacionalidades. Com a recuperação da Europa Ocidental, as suas grandes empresas responderam aos Estados Unidos penetrando nos países periféricos, especialmente na América Latina, na segunda metade da década de 1950. A América Latina se tornou local de confronto entre os capitais dos países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos com a penetração das empresas estadunidenses no subcontinente também na segunda metade da década de 1950. Além disso, as empresas européias responderam às empresas estadunidenses através da exportação de produtos para o mercado interno dos Estados Unidos. Por fim, as empresas européias penetraram em território estadunidense no final da década de 1970<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 316.

<sup>29</sup> FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil... op. cit.*, p. 296-7 e 408.

<sup>30</sup> COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho*. Contexto, nº2, março 1977, p. 67; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista... op. cit.*, p. 12-3; COUTINHO, Luciano & BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado... op. cit.*, p. 19-20; ARRIGHI,



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

Neste sentido, as potências capitalistas, sob hegemonia dos Estados Unidos alicerçaram a contra-revolução defensiva em escala mundial através da internacionalização do modo de produção capitalista. As grandes empresas com suas tecnologias, instituições, ideologia e sistema de poder restabeleceram nos países hospedeiros uma dominação direta, a partir de dentro. Uma dominação complexa, diferenciada e flexível capaz de permitir o controle à distância e reciclar os elementos arcaicos destes países<sup>31</sup>.

O Japão teve um destino distinto. Logo após a Segunda Guerra Mundial, o principal objetivo dos Estados Unidos era dismantelar o poderio militar japonês, sem grandes preocupações com a sua recuperação econômica. Mas a eclosão da Guerra Fria mudou completamente o cenário. O Japão poderia ser importante para a contenção do comunismo na Ásia. Os Estados Unidos injetaram capital no país, mas Tóquio ergueu agressivas barreiras alfandegárias à importação de produtos estadunidenses. O desenvolvimento econômico do Japão ganhou impulso quando o país serviu de base industrial estadunidense durante a Guerra da Coreia (1950-3). Além disso, os Estados Unidos integraram de forma separada a economia do Japão com as economias das suas antigas colônias, especialmente a Coreia do Sul e Formosa ao longo da década de 1950<sup>32</sup>.

A política do governo dos Estados Unidos com relação ao Japão gerou conflitos na relação de complementaridade entre o poder de Washington e a expansão das empresas estadunidenses. O governo dos Estados Unidos excluiu investimentos das empresas estadunidenses no território japonês. As empresas estadunidenses interessadas em penetrar neste mercado foram forçadas a apenas fornecerem as suas tecnologias, sob licença, às empresas japonesas. Além disso, as empresas japonesas obtiveram acesso privilegiado ao mercado estadunidense. O governo japonês estimulou novamente os seus conglomerados nacionais, incentivando uma rápida concentração de capitais em seu território com o objetivo de fechar o mercado nacional à penetração de empresas estrangeiras. Se qualquer outro país tivesse feito o mesmo, seria colocada na lista dos inimigos do mundo livre. Mas o Japão tinha um enorme valor estratégico devido à sua

---

Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 314-5. Ver também HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 273.

<sup>31</sup> FERNANDES, Florestan. *Prefácio*. In: PRADO Jr. Caio. *História e desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 2001, p.11.

<sup>32</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 352 e 354; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista... op. cit.*, p. 12; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 270.



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

proximidade das operações militares dos Estados Unidos e como contenção da China<sup>33</sup>. O objetivo geral de Washington era, além de preservar a sua influência em uma zona estratégica vital, transformar o seu antigo rival em uma vitrine do capitalismo na Ásia.

Durante a década de 1960, os Estados Unidos começaram a centralizar as redes de comércio do Extremo Oriente no Japão. O objetivo era incentivar a Coreia do Sul e Formosa a se abrirem ao investimento japonês e superar os ressentimentos do passado colonialista do país. Além disso, as exportações japonesas para os Estados Unidos aumentaram enormemente quando a potência hegemônica passava por crises fiscais e restrições financeiras. O Japão se tornou o intermediário entre o alto poder aquisitivo dos estadunidenses e a força de trabalho barata dos asiáticos<sup>34</sup>.

A economia japonesa ganhou novo impulso com as encomendas dos Estados Unidos agora para a Guerra do Vietnã a partir de 1965. O governo de Washington financiou a duplicação da produção de manufaturas do Japão, cuja economia chegou ao pico do crescimento econômico com 16% ao ano entre 1966 e 1970<sup>35</sup>.

O investimento direto estrangeiro das empresas japonesas cresceu rapidamente a partir de meados da década de 1950, tornando-se explosivo durante a década de 1970<sup>36</sup>. O capital japonês já estava presente em algumas regiões da América e da Europa antes da Segunda Guerra Mundial. Mas foi a partir de meados da década de 1950 que as empresas japonesas penetraram maciçamente nos Estados Unidos, na Europa Ocidental e até mesmo na América do Sul.

A penetração das grandes empresas imperialistas internacionalizou os mercados internos dos países receptores. Diante da impossibilidade de integrar as plantas produtivas de diversos países em um processo mais global de produção, as filiais das grandes empresas imperialistas ganharam relativa autonomia na conquista dos novos mercados locais. As grandes empresas imperialistas mantiveram o gerenciamento financeiro e os centros de P&D nos países de origem e deslocaram as estruturas produtivas de forma a fixar suas plantas no espaço nacional do país receptor, criando vínculos locais. As filiais se reproduziram como uma unidade produtiva nos países hospedeiros de forma similar à sua matriz no país de origem, mantendo a estrutura fordista, departamental e com múltiplas divisões como a matriz. Particularmente nos

---

<sup>33</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 316-7 e 354; COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 67.

<sup>34</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 354-5.

<sup>35</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 271-2.

<sup>36</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 359.



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

países periféricos, as filiais trabalharão com tecnologias defasadas e com força de trabalho mais barata<sup>37</sup>. Esse padrão foi mantido até a década de 1970.

A rede de empresas afiliadas das empresas multinacionais cresceu extraordinariamente após a Segunda Guerra Mundial. Neste sentido, a internacionalização do capitalismo monopolista começou a alterar as tradicionais formas de comércio internacional por meio da produção direta nos países estrangeiros e através da criação de circuitos internacionais de comércio entre as matrizes e filiais das grandes empresas. Crescentemente, o tradicional comércio internacional, baseado na exportação e importação de produtos finais, deixou de ser a forma dominante de distribuição internacional da produção industrial<sup>38</sup>. Neste contexto, o comércio internacional foi retomado, mas em bases diferentes do livre comércio através exportações e importações articulados nos Acordos de Bretton Woods.

A disputa imperialista das grandes empresas por novos espaços de acumulação nos países centrais foi caracterizada por um crescente processo de interpenetração<sup>39</sup>, ou seja, ocorreu um entrelaçamento do patrimônio<sup>40</sup> das burguesias estadunidense, européia e japonesa. Isso possibilitou crescente convergência de interesses por parte das grandes burguesias dos países centrais.

O Estado nacional foi internacionalizado após a Segunda Guerra Mundial. A ordem estadunidense foi mais institucionalizada do que a ordem britânica. Instituições como o Banco Mundial e o FMI e as instituições vinculadas a Organização das Nações Unidas tinham a função de conciliar as pressões sociais internas dos países com as demandas da economia internacional. Para cumprir tais tarefas, os Estados deram precedência a organismos estatais ligados às instituições internacionais governamentais com o objetivo de concatenar as suas políticas internas com as políticas destas instituições

---

<sup>37</sup> CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista...* op. cit., p. 10 e 16-7; PRADO Jr., Caio. *Esboço dos fundamentos da teoria econômica*. 2ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1960, p. 194-5; PRADO Jr., Caio. *História econômica do Brasil*. 43ª edição, São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 328-9.

<sup>38</sup> COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho...* op. cit., p. 65-6.

<sup>39</sup> COUTINHO, Luciano & BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado...* op. cit., p. 10.

<sup>40</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA...* op. cit., p.68, nota 20.



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

e com o grande capital<sup>41</sup>. A internacionalização do capital monopolista e o entrelaçamento das classes proprietárias aprofundaram a internacionalização do Estado nacional.

### **3. A Reforma e reestruturação do capitalismo sob o capital monopolista**

A reestruturação e reforma do capitalismo produziu uma “economia mista” capaz de permitir aos governos planejar e administrar a economia. Além disso, os governos assumiram compromisso com o pleno emprego e, em menor medida, com a redução da desigualdade econômica. O compromisso político abrangia seguridade social e previdenciária. Isso aumentou enormemente a demanda e proporcionou o surgimento de um mercado de bens de luxo que passaram a ser considerados como bens de necessidade básica para as massas. De fato, as pessoas pobres gastam a maior parte de suas rendas com itens essenciais. Porém, se o poder público prover ou baratear a maior parte destes itens, a renda das pessoas pobres se torna disponível para outras despesas. Desta forma, o capitalismo foi “reformado a ponto de ficar irreconhecível” através de “uma espécie de casamento entre liberalismo econômico e democracia social (ou, em termos americanos, política do *New Deal* rooseveltiano), com substanciais empréstimos da URSS, que fora pioneira na ideia do planejamento econômico.”<sup>42</sup>

Ainda assim, esse casamento continuou a ser condenado por crentes no *laissez-faire* como o economista austríaco Friedrich von Hayek. Eles mantinham a crença na qual a liberdade de mercado significava liberdade dos indivíduos e condenavam as políticas do capitalismo reformado mesmo quando a mistura entre mercados e governos sustentava a Era de Ouro e enterrava a Era da Catástrofe. Mas eles não foram ouvidos entre 1940 e 1970. Só voltariam à cena nas décadas de crise<sup>43</sup>.

As experiências da Era da Catástrofe já tinham mostrado as necessidades de reformar o capitalismo aos homens do primeiro escalão da vida pública. Os riscos de não o fazer poderiam ser fatais. Eles acabaram de combater a Alemanha nazista, filha da Grande Depressão e estavam enfrentando o avanço do comunismo e do poder soviético

---

<sup>41</sup> COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders: beyond international relations theory*. In: Cox, Robert W & Sinclair, Timothy J (Orgs.). ***Approaches to world order***. New York: Cambridge University Press, 1996, p. 107-8.

<sup>42</sup> HOBBSAWM, Eric. ***Era dos Extremos...*** *op. cit.*, p. 264-5.

<sup>43</sup> HOBBSAWM, Eric. ***Era dos Extremos...*** *op. cit.*, p. 266.



## O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera

para o Ocidente sobre os países cuja economia capitalista não mais funcionava. Os formuladores de decisão tinham em mente que o fracasso irrestrito livre mercado causou a Grande Depressão. Portanto, ele deveria ser substituído ou funcionar dentro do planejamento público da economia. Os formuladores de decisão não deveriam permitir o retorno do desemprego em massa por questões sociais e políticas<sup>44</sup>.

Enfim, o retorno ao livre mercado e ao *laissez-faire* estava fora de questão para autoridades, políticos e até mesmo para muitos empresários. O cumprimento de objetivos políticos de absoluta prioridade como o pleno emprego, a contenção do comunismo e a recuperação de economias capitalistas arruinadas justificavam a presença de um Estado cada vez mais forte. Todos estavam dispostos a atingir aqueles objetivos, mesmo se fosse necessário o controle do governo e a cooperação dos movimentos trabalhistas organizados, desde que não fossem comunistas. Era quase consensual a ideia de que a livre empresa “precisava ser salva de si mesmo para sobreviver”<sup>45</sup>.

A Era de Ouro do capitalismo era uma construção política bastante incomum. Conforme discutido na seção anterior, logo após a Segunda Guerra Mundial foi formado um consenso político entre a esquerda social democrata e a direita moderada não fascista, enquanto a direita fascista e a esquerda comunista foram eliminadas do espectro político. Além disso, a Era de Ouro também se baseou em um

(...) consenso tácito ou explícito entre patrões e organizações trabalhistas para manter as reivindicações dos trabalhadores dentro dos limites que não afetassem os lucros, e as perspectivas futuras de lucros suficientemente altos para justificar os enormes investimentos sem os quais o espetacular crescimento da produtividade da mão de obra da Era de Ouro não poderia ter ocorrido. (...). *De facto*, o arranjo era triangular, com os governos, formal ou informalmente, presidindo as negociações institucionalizadas entre o capital e trabalho, agora habitualmente descritos, pelo menos na Alemanha, como ‘parceiros sociais’ (...) <sup>46</sup>

Neste sentido, a ordem mundial estabelecida trazia benefícios para os governos, capitalistas e uma fração da classe trabalhadora. Nas palavras de Hobsbawm:

Os patrões, que pouco se incomodavam com altos salários num longo *boom* de altos lucros, apreciavam a previsibilidade que tornava mais fácil o planejamento. A mão de obra recebia salários que subiam regularmente e benefícios extras, e um Estado previdenciário sempre

<sup>44</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 266-7.

<sup>45</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 267-8.

<sup>46</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 276-7.



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

mais abrangente e generoso. O governo conseguia estabilidade política, partidos comunistas fracos (exceto na Itália), e condições previsíveis para a administração macroeconômica que todos os Estados então praticavam. E as economias dos países capitalistas industrializados se deram esplendidamente bem, no mínimo porque pela primeira vez (fora dos EUA e talvez da Australásia) passava a existir uma economia de consumo de massa com base no pleno emprego e rendas reais em crescimento constante, escorada pela seguridade social, por sua vez paga pelas crescentes rendas públicas. Na verdade, nos eufóricos anos 60 alguns governos incautos chegaram a garantir aos desempregados – poucos então – 80% de seus antigos salários.<sup>47</sup>

De fato, a maior parte da humanidade continuava pobre, mas mudaram as perspectivas de parte da classe trabalhadora dos países centrais. Na década de 1960, não havia desemprego em massa na Europa Ocidental e no Japão, embora não estivesse completamente eliminado nos Estados Unidos. Os trabalhadores viram os seus salários crescer anualmente, quase automaticamente. Bens e serviços restritos a minorias, antigamente de luxo, estavam ao seu alcance. Eles esperavam comprar carros e passar férias nas praias do exterior. O padrão de conforto desejado pelos trabalhadores passou a incluir a geladeira, máquina de lavar roupas e o telefone. E havia um Estado previdenciário universal protegendo-os da doença e da velhice. Em suma, era “possível o cidadão médio desses países conseguir viver como só os muito ricos tinham vivido no tempo de seus pais (...)”<sup>48</sup>.

Os avanços sociais foram substantivos nos Estados Unidos. Washington tinha o objetivo de incorporar a classe trabalhadora no Estado do Bem-estar Social e na plena participação política. O padrão das relações entre a grande burguesia e os trabalhadores sindicalizados foi estabelecido após uma conciliação durante a grande greve da General Motors em 1945. Os trabalhadores contaram com consideráveis aumentos salariais durante os vinte e cinco anos seguintes, mas em contrapartida, assumiram o compromisso de não fazer greves. Além disso, o governo dos Estados Unidos decidiu acabar com a discriminação e a segregação racial no país. Legalizada desde o final da Guerra Civil, a segregação racial foi declarada inconstitucional em 1954<sup>49</sup>.

Como seria possível convocar os trabalhadores para o comunismo diante de tamanhos benefícios? Os partidos socialistas e os movimentos trabalhistas não

---

<sup>47</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 277.

<sup>48</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 259 e 262-3.

<sup>49</sup> WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo: em busca da reconstrução do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 189.



## O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera

comunistas, muito destacados na Europa Ocidental depois da Segunda Guerra Mundial, se enquadraram prontamente capitalismo reformado. Afinal, eles não tinham política própria. Ao contrário, os comunistas tinham como projeto político adquirir poder e depois seguir o modelo da União Soviética<sup>50</sup>.

Contudo, é necessário esclarecer os limites da ordem estabelecida. Os benefícios da Era de Ouro não foram estendidos à toda classe trabalhadora. O compromisso de proteção social abrangia a “fração profissional, branca, masculina, adulta, nacional e sindicalizada da classe trabalhadora, à custa da reprodução da fração proletária não qualificada ou semiquificada, feminina, negra, jovem e migrante”<sup>51</sup>. É necessário deixar claro que o “capitalismo é *essencialmente*, um sistema de exploração e, como tal, não pode prescindir da *violência* para se manter em funcionamento”<sup>52</sup>. Apesar de reformado, o capitalismo não perdeu a sua essência.

As classes dominantes dos países centrais dissolveram a radicalização dos trabalhadores levando os benefícios do capitalismo reformado àquela fração da classe trabalhadora. Mas os trabalhadores precários foram sistematicamente silenciados e ocultados por meio da instrumentalização do racismo, da xenofobia e demais preconceitos sociais, ficando encarregados dos trabalhos mais degradantes e permanecendo à margem dos direitos dos trabalhadores formais<sup>53</sup>. As desigualdades sociais aumentaram e surgiram novas barreiras sociais durante a Era de Ouro. Nas palavras de Mariutti:

Neste período os extremamente ricos – a alta burguesia – *aumentaram* os seus privilégios e o *alcance* das suas fortunas. A pequena burguesia e os trabalhadores qualificados gestaram novas barreiras sociais para conter os desfavorecidos e, desse modo, melhoraram a sua posição social relativa. Logo, a cidadania fordista era extremamente *limitada* e calcada na remodelação dos privilégios antigos e na gestação de novos, geralmente cristalizados nos novos espaços de sociabilidade criados nas escolas e universidades mais destacadas, nas profissões mais prestigiosas e ao seu redor, só acessíveis aos que puderam combinar, desde a mais tenra infância, o lazer com a educação de alta qualidade. Além disso, boa parte da competência dos trabalhadores qualificados –

---

<sup>50</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 262 e 267. Ver também ANDERSON, Perry. *A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 80.

<sup>51</sup> BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 17.

<sup>52</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida...* op. cit., p. 1.

<sup>53</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida...* op. cit., p. 15.



## O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera

especialmente com a entrada das mulheres na faixa mais nobre do mercado de trabalho – dependia indiretamente dos serviçais recrutados entre os imigrantes e demais marginalizados, que realizavam a baixo custo parte de seus afazeres, liberando o *tempo* usado para aprimorar as suas competências técnicas e, de forma menos visível, para cristalizar, no ambiente familiar e nos espaços de conveniência que freqüentam, as barreiras não-econômicas que segregam os precários e ajudam a ocultar a dominação de classe.<sup>54</sup>

Ainda assim, não é possível encarar os benefícios concedidos pelas classes dominantes aos trabalhadores estabelecidos como parte de qualquer projeto de emancipação da humanidade. A Era da Catástrofe já tinha mostrado a exacerbação da inerente violência do capitalismo. O próprio discurso civilizador da burguesia já tinha desaparecido. Os benefícios levados à fração estabelecida da classe trabalhadora podem ser entendidos como um mecanismo de revolução passiva, na qual esses trabalhadores foram cooptados. O capitalismo reformado foi a forma encontrada pelas classes dominantes de salvar o capitalismo, afastando os trabalhadores dos comunistas europeus e da União Soviética.

Particularmente na Europa Ocidental, a prosperidade da fração estabelecida da classe trabalhadora pode ser entendida dentro de um contexto mais amplo. O projeto hegemônico estadunidense articulou diversas sociedades pela pressão financeira, chantagem militar e penetração das grandes empresas. A massificação do consumo e a tendência à homogeneização cultural derivada da difusão do *American way of life* correspondem à esfera cultural deste projeto<sup>55</sup>. Mesmo todos os benefícios recebidos pela fração estabelecida não eram parte de qualquer projeto emancipador da humanidade. Na verdade, os anseios dos trabalhadores foram amarrados ao consumo conspícuo.

Neste sentido, as transformações sociais e culturais da Era de Ouro estão ligadas à consolidação da internacionalização do capitalismo monopolista. As grandes empresas revolucionaram suas tecnologias e padrões burocráticos de administração. A sua atuação transformou a estrutura de renda, a propaganda de massa e os novos padrões de consumo<sup>56</sup>. Definitivamente, o mundo das mercadorias penetrou profundamente sobre todas as esferas de existência social durante a Era de Ouro.

Por fim, os incrementos salariais da classe trabalhadora não devem ser exagerados. De fato, houve um aumento nos salários reais. Porém, os lucros também

---

<sup>54</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 16.

<sup>55</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 58.

<sup>56</sup> FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente... op. cit.*, p. 29.



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

aumentaram e não ocorreu nenhuma alteração considerável na parcela proporcional das rendas nacionais em favor dos salários. Também não ocorreu qualquer alteração radical na distribuição de renda. Nos Estados Unidos, a renda total dos 30% assalariados mais pobres chegou a declinar em uma comparação com o período entre guerras<sup>57</sup>.

Até a segunda década do século XX, as áreas do planeta regidas predominantemente pelo capitalismo estavam restritas à grande parte da Europa e América do Norte, além de pequenas faixas territoriais de outros continentes<sup>58</sup>. Cerca de 80% da população mundial vivia em comunidades orientadas para o valor de uso, permanecendo relativamente isolada do modo de produção capitalista até década de 1950<sup>59</sup>.

O desaparecimento do campesinato foi a mais impressionante e de mais longo alcance de todas as transformações sociais da segunda metade do século XX. Trata-se de uma mudança tão profunda quanto irreversível. O terceiro quartel do século XX marcou o fim de um mundo no qual durante sete ou oito milênios, desde a revolução da agricultura na era neolítica, a maior parte dos seres humanos vivia diretamente da agricultura, pecuária ou pesca. Até meados do século XX, camponeses e agricultores compunham grande parte da força de trabalho empregada mesmo em países altamente industrializados como os Estados Unidos e a Alemanha. A exceção ficava por conta da Grã-Bretanha e, posteriormente, da Bélgica<sup>60</sup>.

A situação foi invertida em apenas trinta anos na grande maioria dos países. Cerca de 42% da população mundial era urbana na década de 1980. A maior parte dos países da América, Europa e Oriente Médio passaram a ter os camponeses como minoria da força de trabalho. Em apenas três regiões o capitalismo não havia se tornado dominante: África Subsaariana, Sul e Sudeste da Ásia e China<sup>61</sup>. Mesmo após a Era de Ouro, a produção capitalista continuou a expandir, submetendo à acumulação a grande maioria das populações e riquezas naturais do planeta.

Já no início do século XXI, os trabalhadores agrícolas representam 4% da força de trabalho nos países da OCDE, chegando a 2% nos Estados Unidos. Praticamente não existe nenhum país com mais da metade da população formada por agricultores na

---

<sup>57</sup> DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo...* op. cit., p. 390.

<sup>58</sup> LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital...* op. cit., p. 23.

<sup>59</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX...* op. cit., p. 18 e 283.

<sup>60</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX...* op. cit., p. 18 e 283-4;

<sup>61</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 284-8.



## O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera

Europa, América, Ásia ou no mundo islâmico. Mesmo a China, passou de um total de 85% da força de trabalho formada por camponeses em 1950 para cerca de 50% em 2005. As aldeias e campos regidos diretamente de forma não-capitalista de vida permaneceram na África Subsaariana e em alguns países da Ásia com mais de 60% da força de trabalho formada por camponeses como Índia, Bangladesh, Mianmar, Vietnã, Laos e Camboja<sup>62</sup>.

Portanto, a Era de Ouro: esse período não representou o amortecimento do capitalismo. As atenções dos homens do primeiro escalão da vida pública estavam concentradas na superfície dos acontecimentos, tais como os arranjos financeiros, as políticas econômicas, os acordos regionais, *etc.*<sup>63</sup>. O capitalismo entendido como transformação constante do homem e da natureza em mercadoria se alargou a uma velocidade nunca antes vista, transformando estruturalmente a vida humana:

(...) com a quase destruição do campesinato, 80% da população mundial foi arrancada das suas formas de vida *paralelas* ou formalmente subsumidas ao mercado. Isto, em conjunto com a urbanização, promoveu a transformação das instituições e formas de sociabilidade mais elementares que, embora vistas pelos cultores da “modernidade” como heranças da “velha sociedade”, eram *funcionais* para atenuar os efeitos destrutivos da sociedade capitalista industrial e, de forma cada vez mais intensa, centrada na miragem do indivíduo egoísta.<sup>64</sup>

O capitalismo contemporâneo, baseado nas tecnologias da terceira revolução industrial e pelo avanço imperialista para levar o mundo das mercadorias às nas regiões do planeta ainda não regidas completamente pelo capitalismo são um desdobramento direto da Era de Ouro.

---

<sup>62</sup> HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 37-8.

<sup>63</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 9.

<sup>64</sup> MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 9-10.



## **CONCLUSÃO**

Enfim, o imperialismo não esteve suspenso durante a Era de Ouro do capitalismo. O militarismo e a disputa das grandes empresas imperialistas por novos espaços de acumulação permaneceram, atuando sob uma nova forma histórica, sendo responsáveis diretos pelas transformações econômicas e sociais da Era de Ouro.

O dispêndio do governo dos Estados Unidos na corrida armamentista e a consolidação de seu complexo industrial-militar foram a base do crescimento econômico da Era de Ouro e de toda a sua base tecnológica, cujo desdobramento é a própria terceira revolução industrial. O confronto das grandes empresas por novos espaços de acumulação levou transformou o capitalismo em modo de produção dominante em todo o planeta, fazendo quase desaparecer as tradicionais formas de vida. A reforma e reestruturação do capitalismo foi feita nos limites da grande empresa monopolista, que não tinha outro projeto civilizador a não ser a expansão do mundo das mercadorias, sem qualquer projeto de emancipação da humanidade.

Portanto, o capitalismo não esteve amortecido durante a sua Era de Ouro. Ao contrário, ele se expandiu por todo o planeta de forma irreversível e o mundo das mercadorias penetrou profundamente em todas as esferas de existência social.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ANDERSON, Perry. *A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1987;
- ANDERSON, Perry. *Força e consentimento: aspectos da hegemonia americana*. *Estudos de sociologia*, Araraquara, v. 15, 2003;
- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012;
- BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012;
- CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista: o capital internacional no desenvolvimento capitalista brasileiro (1951-1992)*. Tese (doutorado). Campinas: IE/Unicamp, 2009;
- COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho*. *Contexto*, nº2, março 1977;
- COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders: beyond international relations theory*. In: Cox, Robert W & Sinclair, Timothy J (Orgs.). *Approaches to world order*. New York: Cambridge University Press, 1996;
- DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. 9ª edição, Rio de Janeiro: LTC, 2012;
- COUTINHO, Luciano & BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado e a Reorganização da Economia Mundial no Pós-Guerra*. In: BELLUZZO, Luiz Gonzaga & COUTINHO, Renata. *Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Ensaios sobre a crise – Volume I*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1984;
- FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. 4ª edição revista. São Paulo: Global, 2009;
- FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5ª edição, São Paulo: Globo;
- FERNANDES, Florestan. *Prefácio*. In: PRADO Jr. Caio. *História e desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 2001;
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2008;



## **O Imperialismo E A Era De Ouro Do Capitalismo – Ricardo Antônio Soldera**

HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013;

LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Imperialismo: Fase superior do capitalismo*. 4ª edição, São Paulo: Centauro, 2008;

LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo. Volume II*. São Paulo: Abril Cultural, 1984;

MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA: fundamentos da hegemonia estadunidense no Pós-Guerra Fria*. In: ACIOLY, Luciana; CARDOSO JR., José Celso; MATIJASCIC, Milko (Orgs.). *Trajéórias Recentes de Desenvolvimento: estudos de experiências internacionais selecionadas – Volume II*. Brasília: IPEA, 2009;

MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social: a luta social em um período de transição*. In: VIEIRA, Rosângela de Lima. *O Brasil, a China e os EUA na atual conjuntura da economia-mundo capitalista*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013;

MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida*. Texto para discussão 240. Campinas: IE/Unicamp, Junho 2014;

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano no Pós-Guerra como um Empreendimento Militar*. In: FIORI, José Luís (Org.). *O Poder Americano*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 2007;

PRADO Jr., Caio. *Esboço dos fundamentos da teoria econômica*. 2ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1960;

PRADO Jr., Caio. *História econômica do Brasil*. 43ª edição, São Paulo: Brasiliense, 2012;

WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo: em busca da reconstrução do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002.